

## *A Cabana – Abrigo para a Alma ou Barraco Teológico?*

*Carlos Osvaldo Cardoso Pinto\**

Esta resenha incorpora elementos do original inglês e da tradução em português, visando destacar elementos positivos e negativos do livro. Seu título ficará evidente ao longo da leitura. Um subtítulo poderia ser *Jó contra Mackenzie Allen Phillips*.



William Paul Young (foto)

*A Cabana* já vendeu mais de dois milhões de cópias mundo afora, está em listas de mais vendidos no Brasil, e foi um sucesso surpreendente, inclusive para seu autor, que em entrevistas declarou que seu propósito original era instruir seus próprios filhos (6). É, assim, um fenômeno literário sem paralelo nos dias atuais e deu ao seu autor uma projeção mundial que poucos autores conseguem no seu primeiro livro. Também em suas entrevistas Paul Young (ele prefere ser chamado pelo segundo nome) indica que há um quê de auto-biográfico no livro (“Eu sou Mack e Mack é eu”). Presumo que, como ele não perdeu nenhum de seus filhos, apenas suas lutas espirituais estejam refletidas na difícil peregrinação de Mack (*cf.* a contra-capla da EI). Apesar da informação constante em seu *site* sobre uma série de tragédias experimentadas por sua família maior, o leitor, e particularmente o resenhista, se pergunta se e como um filho de missionários poderia identificar-se com o filho de um bêbado e espancador doméstico. Talvez essas informações surjam quando Young escrever de novo ou algum biógrafo descubra e relate sua vida emocional (as cartas enviadas ao seu site [www.windrumors.com](http://www.windrumors.com)).

Para não estragar a leitura dos que ainda pretendem ler o livro, farei um mini-resumo. Mack, o personagem central, é casado com Nan e eles têm cinco filhos. Durante um passeio, a filha mais nova, Missy, é raptada e, depois de investigações, dada por morta, ainda que seu corpo jamais tenha sido encontrado. Esse evento precipita em Mack uma violenta crise que ele chama de *A Grande Tristeza*. Depois de algum tempo, recebe um bilhete convidando-o a voltar à cabana onde vestígios de sangue de sua filha tinham sido achados. Relutante, resolve ir ao local onde tem um encontro com ninguém menos do que o Deus trino. O restante do livro narra os diálogos entre Mack e as três pessoas da Trindade, bem como a transformação interior desse homem. O final, relativamente previsível, relata o retorno de Mack à sua família e as mudanças experimentadas como resultado de seu encontro com Deus.

## Pontos Positivos

✚ É uma leitura agradável e, em vários pontos, comovente. Como pai de três filhas pude sentir, vicariamente, a dor de Mack (o personagem central da narrativa). Embora ocasionalmente previsível, a narrativa flui bem e os diálogos são verossímeis, apesar da situação em que ocorrem ser fictícia. Fazer teologia em forma de diálogo é uma aventura, mas Mack lida com perguntas que professores de teologia têm que responder diariamente na sala de aula e em conversas informais em torno de uma pizza ou churrasqueira. Talvez por isso o livro me agradou (e desafiou) tanto.

✚ O livro lida com uma questão universal, a do sofrimento inexplicado e das reações emocionais e espirituais a ele. Na verdade, o livro tem o mérito de lutar para restabelecer o lugar adequado para Deus diante de situações inexplicadas e, para a maioria dos leitores, inexplicáveis.

✚ Nos diálogos entre o Deus trino e Mack, Young procura basear no caráter de Deus tanto a compreensão do problema do sofrimento quanto uma eventual solução para as angústias que ele nos causa. Young se esforça para desfazer uma dicotomia muito comum, mesmo entre cristãos, que apresenta Jesus como um super-herói bonzinho e o Pai como um velho zangado e violento (cf. p. 174, EP). O mérito dessa tentativa será discutido abaixo.

✚ Outro ponto positivo é a afirmação de que Jesus está conosco no sofrimento e, por isso, não é necessário que nos entreguemos à sensação de abandono por Deus que o sofrimento normalmente traz. Infelizmente, a tradução em português omitiu uma frase importantíssima na p. 104 (p. 114 da EI). Mack diz a Jesus: *Jesus? – sussurrou com a voz embargada. – Eu me sinto muito perdido. Uma mão se estendeu e ficou apertou a sua. – Eu sei, Mack. Mas não é verdade. (Eu estou com você e eu não estou perdido.) Lamento se a sensação é essa, mas ouça com clareza: você não está perdido.* A frase entre parênteses não consta do texto português e isso é lamentável, pois é ela que dá sentido às palavras de Jesus a Mack.

✚ Ainda que não possa endossar todo o capítulo 11, o diálogo ente Mack e Sofia, foi um dos melhores pontos do livro. Foi uma paráfrase intrigante da metáfora bíblica do barro criticando o oleiro pela forma que recebeu.

## Pontos Negativos

✚ **Revelação** - Creio que a primeira crítica a ser feita ao livro é que, veladamente, o livro menospreza a Bíblia como revelação e a teologia como um engessamento das maneiras criativas em que Deus Se revela e Se relaciona com as pessoas. Nesse aspecto, *A Cabana* se alinha com as ênfases da chamada igreja emergente contra a natureza proposicional da revelação de Deus e contra a teologia cristã histórica como um obstáculo ao conhecimento de Deus. (Curiosamente, tal como outros autores “emergentes”, ele se vale de proposições para atingir seu intento).

✚ **Trindade** - A maneira pouco convencional em que o autor representa Deus dá lugar a uma imprecisão teológica com respeito às relações entre as pessoas da Trindade e sobre as funções de cada um na obra da redenção. Outro problema é a excessiva centralização do mundo na pessoa que sofre, como se a função maior de Deus fosse prover o consolo e a solução dos problemas causados pelo sofrimento.

Não me parece que Young seja culpado de modalismo (a crença de que Deus não existe simultaneamente em três pessoas, mas é uma só pessoa divina que se manifesta em três modos. Na verdade, Young deixa bem claro que não crê isso, quando, na p. 91, Papai afirma: “Não somos três deuses e não estamos falando de um deus com três atitudes . . . Sou um só Deus e sou três pessoas, e cada uma das três é total e inteiramente o um.”

Um problema relacionado a isso é que, apesar de esforçar-se por preservar a doutrina da Trindade, Young foi longe demais na identificação entre as três pessoas, afirmando que a Trindade encarnou (p. 89, EP) e chega extremamente perto do patripassianismo (a ideia de que o Pai sofreu na cruz) quando, nas pp. 95 e 96 (EP), Mack vê e toca as cicatrizes nas mãos de Papai.

✚ **Ficção ou Teologia?** – Apesar de dizer que não está preocupado em comunicar doutrina, Young vende sua doutrina sobre Deus como se fosse verdade, a despeito de contrariar claramente a Palavra revelada de Deus. Por mais que os leitores sejam “abençoados” com a leitura, e as cartas enviadas ao site de Young deixam isso bem claro, precisamos entender que o próprio Deus não aprova que se fale o que não é verdadeiro a respeito dEle (cf. Jó 42.7). Falar coisas erradas sobre Deus vai, eventualmente, minar o consolo que os leitores recebem ao ler o livro, uma vez que Deus não está obrigado a fazer com todos os sofredores o que fez nesta ficção sobre Mack e seu sofrimento.

✚ **Salvação** - Traços de inclusivismo permeiam o livro (cf. a história da princesa índia e a implicação de que a confiança no Grande Espírito seria suficiente para resolver o problema da tribo com Deus). Há, aqui e ali, indícios da ideia de que o sofrimento de Missy foi redentivo para Mack, e que Deus só ministra perdão quando nós perdoamos quem nos ofende (p. 208, EP). Além disso, Young sugere que não há uma punição eterna ao dizer (p. 109, EP): *Não sou quem você pensa, Mackenzie. Não preciso castigar as pessoas pelos pecados. O pecado é o próprio castigo, pois devora as pessoas por dentro* (ênfase minha).

✚ **Igreja** – O autor se apresenta, em seu site e em entrevistas, como uma pessoa “desigrejada” e feliz por isso. A sensação de Mack quanto à igreja como fria, maçante e desinteressada, sedenta de poder e sem real razão de existir, também se alinha com o movimento da igreja emergente. O desdém evidenciado no livro para com seminários apresenta uma caricatura de instituições que, em sua maioria, tem preocupações genuínas com o bem estar emocional e espiritual de seus alunos e das comunidades em que estão inseridas.

✚ **Aconselhamento** – Young concentra a atenção no sofrimento causado pela morte de Missy, sem dar muita atenção à maneira negativa com que Mack lida com sua vida familiar como criança e adolescente. Seu ódio e desprezo pelo pai colorem (ou descolorem) toda sua vida, social e religiosa. Interessantemente, é por causa desse problema que Deus Se manifesta a Mack como uma mulher negra (quase dá para ouvir um sotaque da Louisiana no original inglês, exceto quando Papai conversa sobre teologia. Aí as palavras simples dão lugar ao jargão teológico), seguindo a linha de que é preciso aceitar a situação do “aconselhado” do que confrontá-lo com ela. Parece-me que o que Mack mais precisava era de uma figura paterna para quebrar seu estereótipo, mas Young só lhe dá isso no final do livro, quando “Papai” aparece como um homem de meia idade, depois que o problema de Mack com seu pai foi “resolvido”.

Preocupa-me o fato de Papai dizer para Mack (p. 83): “Quero curar a ferida que cresceu dentro de você e entre nós”, referindo-se à angústia e à “depressão” causada pela morte de Missy, quando na realidade a ferida vinha desde os tempos da adolescência, em relação ao pai. No final do livro esta também é tratada, mas de um modo que vai comprometer a teologia total da obra (ver abaixo).

#### **Frases teologicamente significativas (i.e., certas) em *A Cabana***

✚ Dentre as afirmações teológicas dignas de elogio, na p. 88 Young descreve a tentativa humana de entender Deus. “O problema é que muitas pessoas tentam entender um pouco o que eu sou pensando no melhor que elas podem ser, projetando isso ao enésimo grau, multiplicando por toda a bondade que são capazes de perceber . . . e depois chamam o *resultado* de Deus.”

✚ Cap. 6, p. 91 – No diálogo entre Deus e Mack, Papai diz: “*O importante é o seguinte: se eu fosse simplesmente Um Deus e Uma Pessoa, você iria se encontrar nesta criação sem algo maravilhoso, sem algo que é essencial. E eu seria absolutamente diferente do que sou.*” Ao que Mack retruca: “*E nós estaríamos sem . . . ?*” Ao que Papai responde: “*Amor e relacionamento. Todo amor e relacionamento só são possíveis para vocês porque já existem dentro de Mim, dentro do próprio Deus . . . Eu sou o amor.*” Ponto para Young por destacar esta importantíssima percepção quanto à **necessidade** da Trindade para que 1 Jo 4.8 e 16 sejam verdadeiros.

✚ Boa frase na p. 84 (EP) – *A verdadeira paternidade faria muito mais falta que a maternidade.*

✚ Outra frase que merece citação aparece na p. 173 (EP) – *A graça não depende da existência do sofrimento, mas onde há sofrimento você encontrará a graça de inúmeras maneiras.*

### **Frases teologicamente imprecisas (i.e., erradas) em *A Cabana***

✚ *Nós estávamos lá, juntos* (p. 86 EP), indica mais claramente a questão do patripassianismo no livro. Young efetivamente afirma a presença física no Pai na cruz, que ele confirma na p. 151 (EP).

✚ Outra frase imprecisa é: *Quando nós três penetramos na existência humana. . .* (p. 89, EP). Embora eu queira dar a Young o benefício da dúvida, é difícil fugir da ideia de que ele entende que a Trindade encarnou, quando as Escrituras deixam claro que foi somente o Verbo, a eterna segunda pessoa da Trindade, que adentrou em carne a história humana.

✚ Na p. 90 (EP; p. 100 EI), Papai afirma: *Ele (Jesus) foi simplesmente o primeiro a levar isso até as últimas instâncias; o primeiro a colocar minha vida dentro dele, o primeiro a acreditar no meu amor e na minha bondade, sem considerar aparências ou consequências*. Ainda que o contexto imediato tenha o mérito de apontar para a dependência de Jesus em relação a Deus durante Sua encarnação, a frase pode (e talvez tenha sido escrita com o propósito de) indicar que outros chegaram ou chegarão ao mesmo status de Jesus.

✚ O livro propõe muito claramente a malignidade da hierarquia e a rejeição de todo o conceito de autoridade, inclusive na igreja e na família. Na p. 145 (EI), Jesus afirma a Mack que Seu relacionamento com o Pai é de mútua submissão. Ao falar isso, Young está questionando abertamente a doutrina da hierarquia funcional dentro da Trindade, expressa especialmente no que tange à obra terrena do Filho (*cf.* 1 Co 11.3). Ao afirmar essa submissão recíproca (pois Sarayu também é incluída), Young pretende afirmar, no mínimo, algo que as Escrituras jamais afirmam; na verdade, ele parece partir do seu conceito de relacionamentos humanos e exaltar essa submissão recíproca da família (marido, esposa e filhos) a uma dimensão celestial. Nesta observação citei a EI porque, para complicar essa questão ainda mais um pouco, a EP (p. 132) traz: *Os relacionamentos verdadeiros são marcados pela aceitação, mesmo quando suas escolhas não são úteis nem saudáveis*. A palavra *submission*, usada na EI, foi trocada por *aceitação*, que tornou a frase teologicamente mais certa, mas acabou por disfarçar o perigo teológico, pois o contexto fala do relacionamento entre Jesus e cada um de nós. No inglês fica a sugestão que Jesus se submete a nós para manter a autenticidade do relacionamento.

✚ Sarayu afirma que na Trindade não existe uma cadeia de comando, *apenas um círculo de relacionamento* (p. 111, EP). De novo, Young parece jogar pela janela o conceito de uma hierarquia funcional proposto por Jesus no Discurso do Cenáculo, Jo 14 – 16) ao especular sobre um relacionamento essencial na Trindade. A associação da hierarquia com a matriz (*The Matrix*, p. 113; EP) e a sugestão de que hierarquia é um produto da Queda. Isso não é novo, mas agora está sendo dito de maneira ainda mais sutil do que, por exemplo, o movimento feminista vem dizendo por várias décadas.

✚ *Criamos vocês, os humanos, para estarem num relacionamento de igual para igual conosco* (palavras de Sarayu, p. 114, EP). A não ser que eu tenha lido de maneira muito errada a minha Bíblia, jamais estaremos no mesmo plano que Deus. Ele será eternamente adorado e eu eternamente adorador. Somos salvos para viver para louvor da Sua glória (Ef 1.12), não para partilhá-la de igual para igual.

✚ *Submissão não tem a ver com autoridade, e não é obediência* (palavras de Jesus, p. 133 EP). Uma vez mais, o conceito bíblico da perfeita obediência do Verbo encarnado ao Pai que O enviou é varrido para baixo do tapete da igualdade ontológica. Parece que Young não gosta das tensões bíblicas, só daquelas que ele mesmo propõe.

✚ *Por amor. Ele escolheu o caminho da cruz, onde a misericórdia triunfa sobre a justiça por causa do amor* (p. 151, EP). Esta frase é extremamente perigosa, pois toma o texto de Tiago 2.13 e faz com que ele diga que Deus optou por fazer Seu amor superar Sua justiça. Isso não é apenas uma distorção do sentido tencionado por Tiago,<sup>1</sup> – que a prática da misericórdia [como evidência da fé] impede que os cristãos sejam disciplinados por Deus – mas uma ideia muito errada sobre Deus, a de que haja conflitos entre Seus atributos ou entre as pessoas da Trindade. A imprecisão é suficiente para fazer a frase parecer bíblica e, por isso, seu efeito é duplamente nocivo.

✚ p. 164 (EP). Jesus diz a Mack: “. . . *nosso destino final não é a imagem do Céu que você tem na cabeça. Você sabe, a imagem de portões adornados e ruas de ouro. O Céu é uma nova purificação do universo, de modo que vai se parecer bastante com isso aqui.*” Young sugere a mesma teoria escatológica de N. T. Wright, teólogo britânico que ano passado apareceu no *Fantástico* propondo uma escatologia minimalista em que o novo universo a ser criado por Deus é apenas uma Terra glorificada. No parágrafo seguinte Young coloca nos lábios de Jesus o que Robert Gundry sugeriu num artigo (“The New Jerusalem: people as place, not place for people”, *Novum Testamentum* 29: 3 [Julho 1987]: 254-264), que Ap 21 apenas apresenta a Igreja *como se fosse* um lugar. Esta resenha não é o lugar para discutir tais interpretações, mas fica aqui o registro de como elas me desagradam. A ideia de que o Céu não é um lugar, apenas um estado de espírito ou um relacionamento, limita seriamente o poder transformador da escatologia bíblica e vai diretamente contra o ensino dAquele que disse a Seus discípulos, “vou preparar-vos **lugar**” (Jo 14.2 – ênfase minha).

✚ pp. 168-169 (EP) – Depois de dizer a Mack que ele, Jesus, não é cristão (acho que Young deve ler de novo o livro de Atos, para entender que Jesus define o que é ser cristão), Jesus continua: *Os que me amam estão em todos os sistemas que existem. São budistas ou mórmons, batistas ou muçulmanos, democratas, republicanos. . . Tenho seguidores que foram assassinos e muitos que*

---

<sup>1</sup> Young substituiu a palavra *juízo* (κρίσις no grego), usada por Tiago, pela palavra *justiça* (que seria a palavra grega δικαιοσύνη). É um exemplo perfeito de citação mal feita, quer por ignorância, quer por tendenciosidade.

*eram hipócritas. Há banqueiros, jogadores, americanos e iraquianos, judeus e palestinos. Não tenho desejo de torná-los cristãos, mas quero me juntar a eles em seu processo para se transformarem em filhos e filhas do Papai, em meus irmãos e irmãs, em meus amados.* Não vou comentar essa frase. Deixarei que ela seja comparada a uma frase da muito citada musa dos neo-evangélicos, Madre Teresa de Calcutá: “Minha missão não é transformar qualquer pessoa em cristão; quero ajudar o hindu a ser o melhor hindu que puder, o muçulmano a ser o melhor muçulmano que puder, o budista a ser o melhor budista que puder, e o cristão a ser o melhor cristão que puder”. Tire o leitor a sua conclusão.

✚ Quando se trata da vida cristã, Young enfatiza corretamente que ela se trata de um relacionamento (cap. 14) e não de regras. Mas dizer isso é ser muito reducionista, pois Aquele que disse desejar nosso amor disse também “Se me amais, guardareis os meus mandamentos”. A frase dos coríntios (não de Paulo) que Sarayu cita (p. 189, EP), *Todas as coisas são legítimas*, ganha o mesmo efeito errado que tinha na boca dos libertinos de Corinto e sugere um antinomianismo que parece latente em todo o capítulo.

### ***Considerações Finais***

Por que *A Cabana* está vendendo tão bem? Talvez porque a maioria dos cristãos atuais queira comida pré-processada e pasteurizada, e não queira se dar ao trabalho de (ou talvez simplesmente não saibam como) colher nas Escrituras e preparar, pelo estudo pessoal e a comparação com o pensamento cristão histórico, sua própria alimentação. Ou, para mudar a metáfora para algo mais semelhante ao livro, queiram apenas colocar um Band-Aid na ferida, ao invés de lidar com a infecção. Por outro lado, talvez porque descreva emoções e sensações espirituais de maneira poética e ocasionalmente bela, às vezes desenvolvendo metáforas bíblicas, às vezes usando de maneira criativa a imaginação (como no cap. 15).

Gostaria de estabelecer um contraste com outro livro de ficção que faz sucesso há muito tempo e fez muito sucesso recentemente, *O Senhor dos Anéis*. Ambos são obra de ficção, e ambos contêm ideias corretas, ideias erradas e ideias duvidosas. A diferença é que J. R. R. Tolkien não pretendia que seu livro quisesse mudar os conceitos que as pessoas têm sobre Deus. Queria ilustrar o conflito histórico entre o bem e o mal e a esperança de que um Rei legítimo venha a dar fim a tal conflito. Pode (e em meu entender de fato o fez) comunicar um papel errôneo a figuras femininas (uma mariolatria velada), mas não afirma que devemos rejeitar a visão cristã sobre a volta do Rei em favor de uma devoção à Sua mãe terrena.

Paul Young quer divulgar essa “nova” visão de Deus (que envolve uma nova visão de vários outros conceitos cristãos) e seus leitores aceitaram ingenuamente essa proposta, que mistura

verdade e erro de modo particularmente perigoso. Esses leitores que dizem ter obtido uma visão nova (e melhor) de Deus, deveriam lembrar que ninguém, na história da Igreja, foi 100% herético ou teve intenções declaradas de destruir a fé cristã. Assim mesmo, suas ideias incorretas contaminaram e enfraqueceram a Igreja por séculos e séculos.

Assusta-me o fato de que ninguém menos que Eugene Peterson, professor de espiritualidade no Regents College, e talvez o pastor da maioria dos pastores evangélicos do Brasil, tenha feito um endosso tão entusiasmado de *A Cabana*. Felizmente os editores em português não o colocaram na capa, como os editores norte-americanos, ou teríamos uma epidemia de má teologia em nossas mãos. Ler e entender *A Cabana* exige discernimento e coragem para nadar contra uma correnteza de imprecisão teológica que vai demorar algum tempo para ser percebida pela igreja em geral e, é pena dizer, por muitos daqueles que a conduzem.

Que fazer, então? Igrejas e escolas evangélicas deveriam banir esse livro? Queimá-lo em praça pública? Isso faria mais pela venda de *A Cabana* do que as centenas de entrevistas ao vivo e pela internet que seu autor tem dado nos últimos doze meses. Este livro precisa ser lido por pessoas maduras na fé e discutido com os leitores menos avisados. É preciso que professores e pastores leiam, releiam e analisem o livro. Nem tudo é lixo em *A Cabana*, o que o torna mais arriscado como leitura devocional (hábito que está se propagando da Austrália ao Zimbábue). Alguns dos que escrevem para o site de Paul Young parecem ter relegado a revelação de Deus nas Escrituras a um plano muito inferior, menos pessoal e atraente, e certamente muito menos prático e consolador que o livro do canadense.

Sem dúvida há aí o efeito lemingue, que deverá passar dentro de algum tempo. Eu não concordo com a afirmação de Eugene Peterson (capa da EI) de que *A Cabana* tenha o potencial de fazer por nossa geração o que *O Peregrino* de John Bunyan fez pela sua. Daqui a trezentos anos, quem sabe, os méritos desse endosso poderão ser discutidos.

Cautela, Bíblia aberta, e várias leituras são essenciais para entender este livro e para utilizá-lo mais do que como entretenimento pessoal. Ainda estamos nos estágios iniciais de *A Cabana* no mundo de fala portuguesa. É preciso que os que se importam com a verdadeira saúde espiritual da Igreja corram o risco de contestar (na maior parte) e concordar (em alguns momentos) com William Paul Young e sua cabana. Ela está sendo vendida como um abrigo para a alma, mas está mais para “barraco” teológico.

***Carlos Osvaldo Cardoso Pinto\****

***Chanceler do Seminário Bíblico Palavra da Vida, Mestre em Teologia com ênfase em Antigo Testamento e Doutor em Filosofia com ênfase em Exposição Bíblica pelo Dallas Theological Seminary***